Vozes das Comunidades

Um jornal feito pelas comunidades a serviço das comunidades

Setembro de 2016
Ano XI - Nº 12

Projeto quer impedir a liberdade nas escolas

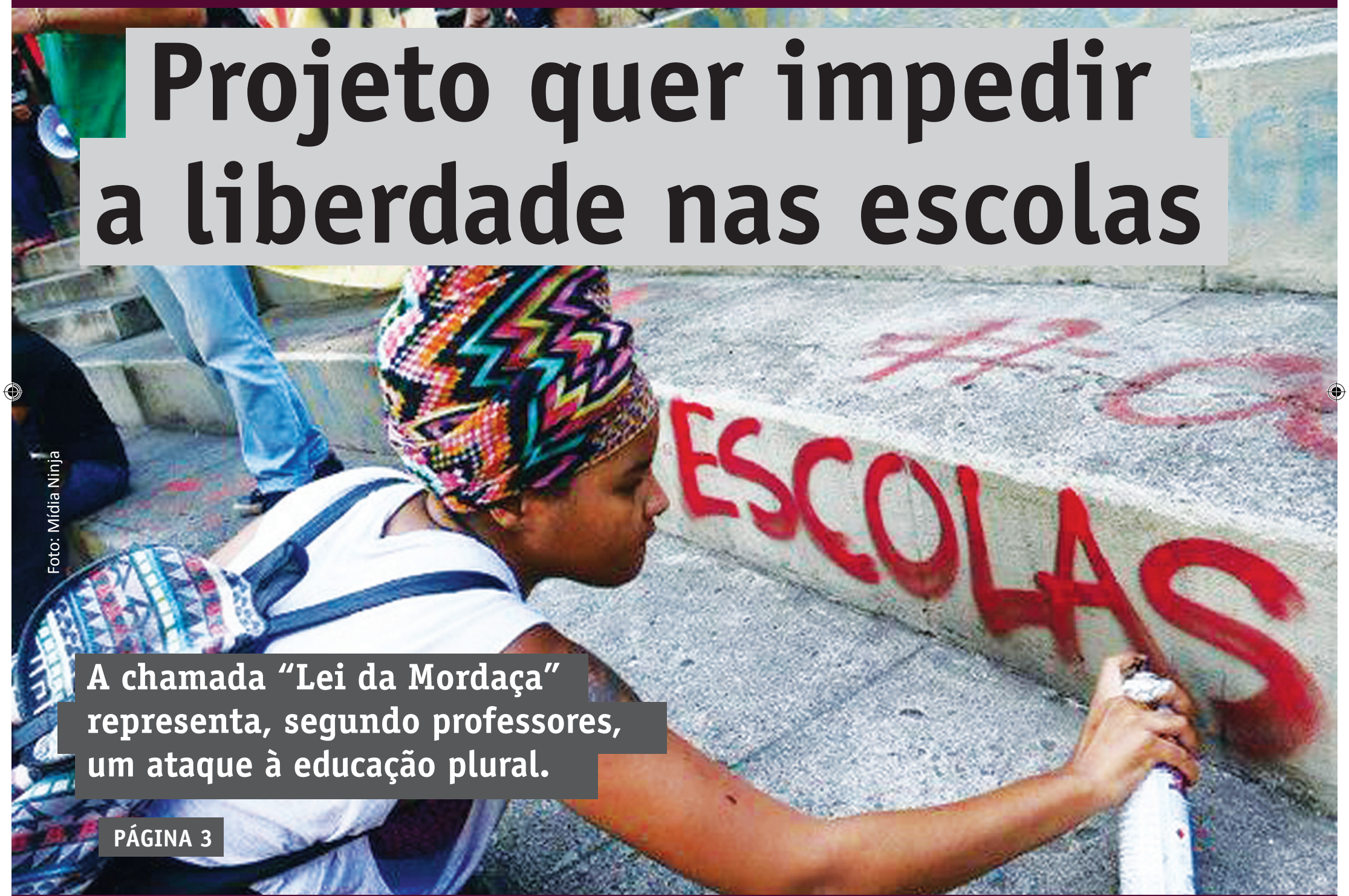


Foto: Mídia Ninja

A chamada "Lei da Mordaça" representa, segundo professores, um ataque à educação plural.

PÁGINA 3

PÁGINA 4
TRABALHO:
A vida e os direitos das domésticas brasileiras

PÁGINA 6
SAÚDE:
Mulheres presas não têm seus direitos respeitados

PÁGINAS 7-10
OLIMPÍADAS:
Poucos moradores do Rio foram beneficiados

PÁGINA 16
CULTURA:
Funk carioca conta histórias das favelas

Vozes2016.indd 1 05/09/2016 16:11:56

EDITORIAL

NOSSO JORNAL

Nos últimos anos, o *Vozes das Comunidades* vem sendo lançado no dia 7 de setembro, nas manifestações do Grito dos Excluídos. Em 2016, esse jornal tem um significado mais especial ainda: acabamos de sofrer um golpe. Achamos que, daqui para frente, os ataques contra os direitos dos trabalhadores vão aumentar. Para lutar contra isso, a nossa comunicação é fundamental!

É por isso que há mais de dez anos o NPC oferece um curso de comunicação popular para moradores de favelas, estudantes, militantes sociais e jornalistas comunitários. Nosso objetivo é sensibilizar para a importância de jornais, boletins, rádios, TVs e da internet na defesa de nossos direitos e na valorização de nossa cultura.

NOSSA PAUTA

Nesse jornal que você tem em mãos, fruto desse curso, apresentamos várias denúncias. Falamos sobre as ameaças à educação e a outros serviços públicos; a cobrança desigual de impostos; a saúde das mulheres presas; transporte público; e outros assuntos. Também tratamos dos poucos benefícios das Olimpíadas para os moradores do Rio. Vimos acontecer, em nossa cidade, uma festa para a qual não fomos convidados.

É para tratar desses temas que precisamos da comunicação popular. Como diz o "Rap da Felicidade", "se eles lá não fazem nada, faremos tudo aqui". Mãos à obra! E boa leitura!

OPINIÃO

O BRASIL PAGA MUITO IMPOSTO QUAL BRASIL, CARA PÁLIDA?

Por Reginaldo Moraes

No Brasil, ao contrário dos países desenvolvidos, a maior parte dos impostos vem do consumo. Os lucros empresariais, juros e propriedades pagam menos impostos.

Resultado: quem tem menos paga mais. Simples assim. Isso se chama tributação regressiva.

E o imposto de renda, ele é progressivo? Não é bem assim. Veja a declaração de pessoas físicas.

Quase 30 milhões de pessoas entregam, em abril, a declaração de Imposto de Renda. Desses, quase a metade (13,5 milhões) está na base do sistema. São pessoas que recebem até uns R$ 4.400 por mês. A soma dos impostos pagos por toda essa gente não chega a 1% do total do Imposto de Renda recolhido. Quer dizer: se esses quase 14 milhões não pagassem, isso não faria nenhuma diferença! Para que, então, a Receita Federal bota uma porção de fiscais lendo essas declarações?

	Número de Pessoas	Quanto do imposto?	Faixa de renda mensal
Andar de baixo	13,5 milhões	1%	Até 4.500,00
Segundo andar- faixa média	Pouco mais de 1 milhão	Faixa que mais paga imposto	Entre 18 mil e 35 mil
Terceiro Andar – os ricos	500 mil pessoas	Paga pouco imposto	Entre 35 mil e 140 mil
Quarto andar, a nata	71.440 = 0,05%	Paga quase nada!	Mais de 140 mil

O segundo andar, que podemos chamar de classe média, é composto de pessoas que recebem entre R$ 17.600 e R$ 35.200 por mês. Essa faixa média é a que mais contribui para o bolo recolhido pela Receita Federal.

MAIS RICOS SÃO ISENTOS

Suba mais um andar e encontre aquelas 500 mil pessoas que ganham entre R$ 35.200 e R$ 140.800. Já estamos entre os ricos. Mas suba mais um andar para encontrar a nata dos biliardários. Ali são apenas 72 mil pessoas, aquelas que ganham mais de 140 mil reais por mês. Um nicho privilegiado de 0,05% dos brasileiros. E 70% de sua renda é simplesmente ISENTA, porque é resultado de lucros e juros. Lucros e juros não pagam imposto, graças a uma lei criada no governo Fernando Henrique, em 1995.

Tem outra coisa que privilegia essa nata, o chamado imposto sobre heranças. Nos países desenvolvidos, ele é de no mínimo 40%, descontando um piso de aproximadamente 1 milhão de reais, que são isentos. E aqui no Brasil? O imposto gira em torno de 4% ou 5%. Só. Ou seja, os ricaços não pagam imposto quando estão vivos e quando morrem sua herança passa para seus herdeiros sem pagar também.

Estamos criando uma sociedade de herdeiros indolentes. Que chamam o Bolsa Família de bolsa preguiça, enquanto criam contas em paraísos fiscais para pagar ainda menos impostos.

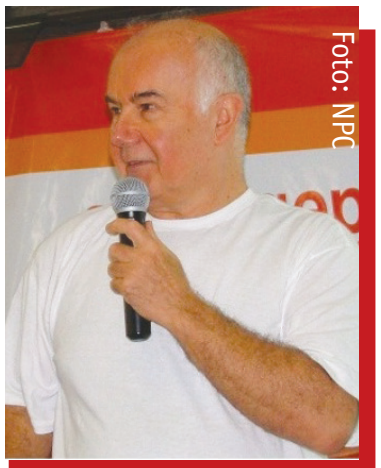


Foto: NPC

Reginaldo Moraes é escritor, cientista político e professor da UNICAMP.

EXPEDIENTE: Vozes das Comunidades

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO VITO GIANNOTTI DE COMUNICAÇÃO POPULAR
Rua Alcindo Guanabara, 17, sala 912 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Site: nucleopiratininga.org.br - Blog: vozesdascomunidades.org
Contatos: npiratininga@piratininga.org.br - (21) 2220-5618 / 99628-5022

Coordenação: Claudia Santiago Giannotti - **Diagramação:** Rodolfo Vieira

Professores: • Ana Lúcia Vaz • Ana Enne • Arthur William • Camilla Lobino • Claudia Santiago Giannotti • Daniel Climaco • Eric Fenelon • Guilherme Soninho • Gustavo Barreto • Gustavo Gindre • Isabel Loureiro • Josué Medeiros • Kleber Mendonça • Leon Diniz • Márcio Castilho • Naldinho Lourenço • Pablo Mattos • Reginaldo Moraes • Renata Souza • Rodolfo Vieira • Rodrigo Castelo • Tatiana Lima • Verena Glass • Sheila Jacob • Vito Giannotti (In Memorian)

Agradecimentos: • Comunidade São José Operário • Ocupação Manoel Congo • Ocupação Vito Giannotti • Casa Nem • O Cidadão • Museu da Maré • Aneci Palheta • Bruno Lima • Caio Barbosa • Igor Ferraz • Gizele Martins • Lidiane Mosry • Luisa Santiago • Mariana Bomfim • Matheus Santiago • Renato Dória (Jornal Abaixo Assinado) • Ricardo Félix

Equipe: • Alexander Panez • Amanda Soares • Ana Claudino • Ana Santos • André Carvalho • Antonieta Rodrigues • Bárbara Aires • Barbara Tovar • Bruna Camilly • Carla Farias (Cacau) • Carlos D (Batman Pobre) • Claudia Santiago Giannotti • Clara Sthel • Diana Obermuller • Eliane Januária • Eric Fenelon • Gabriela Maia • Gilda Muñoz Gustavo Melo • Inessa Lopes • Jaqueline Suarez • Jonas Ferreira • Kellen Aires • Lanna Vieira • Laura Ralola • Leonardo Nascimento • Lucas Vieira • Mylena Melo • Natacha Valeska • Nice Lira • Paulina Santibáñez • Rosana Corrêa • Rubia Fernandes • Thayane Machado Thor Weglinski • Victor Orellana • Wellington Nascimento

APOIO: SENGE/RJ, SEPE/RJ, SINPRO/RJ, SINDICATO DOS JORNALISTAS/RJ E SINDIPETRO/RJ

Esta publicação foi realizada pelo Núcleo Piratininga de Comunicação com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo através de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ)

NPC Núcleo Piratininga de Comunicação

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO

Vozes 2016.indd 2 05/09/2016 16:11:57

ESCOLA SEM PARTIDO

LEI DA MORDAÇA

Projeto pedagógico pretende impedir pensamento crítico nas escolas

Contra a Constituição, proposta busca enfraquecer o papel social do professor e acabar com a liberdade de aprender e ensinar

Por Amanda Soares, Ana Claudino e Laura Ralola

Um movimento que propõe o fim da discussão crítica nas salas de aula vem se espalhando pelo país. Criado em 2004 pelo procurador público Miguel Nagib, o Escola Sem Partido (ESP) propõe novas regras a serem fixadas nas diretrizes da educação nacional. Atualmente, circulam Projetos de Lei em mais de dez estados brasileiros, além do PL 193 do senador Magno Malta (PR-ES) e do PL 867/2015 do deputado federal Izalci Lucas (PSDB/DF).

Em seu site oficial, o ESP, ou Lei da Mordaça, como é chamado por educadores, expõe uma série de regras a serem cumpridas pelos professores em todo o país. Sugere a afixação de um cartaz informativo de caráter intimidador em todas as salas de aula, com o título "seis deveres do mestre". Esses deveres se baseiam, principalmente, no livro "Professor não é educador", de Arlindo Moreira.

Propostas do Escola Sem Partido foram consideradas inconstitucionais pela Advocacia-Geral da União

A regra de número quatro do cartaz, por exemplo, determina que: "Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos (...) as principais versões, teorias, opiniões, e perspectivas concorrentes a respeito".

Entretanto, uma crítica publicada no site oficial do ESP e dirigida aos novos livros didáticos distribuídos entre 2014 e 2017 contradiz esse item.

O texto "Livros didáticos para a revolução socialista bolivariana", do professor goiano Orley José da Silva, deixa explícito que o que incomoda aos defenfores do ESP é justamente a exposição de outras perspectivas históricas. Segundo o mestrando em Teologia, ao finalmente abrir espaço para o ensino da história da África, o Ministério da Educação (MEC) ignora valores cristãos e "destaca pedagogicamente aspectos doutrinários e práticos de religiões de matriz africana, esoterismo, bruxaria, além da mitologia clássica".

O site não sugere o que ocorreria caso os professores desobedeçam às imposições, mas o projeto prevê a criação de um canal de denúncias anônimas direto entre os alunos e as secretarias de educação.

É sem partido mesmo?

Durante palestra no Fórum EJA-RJ, Fernando Penna, membro do Coletivo de Professores Contra o Escola Sem Partido, lembrou a reação negativa do deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ) quanto ao material de combate à homofobia distribuído nas escolas em 2011.

Políticos conservadores iniciaram um movimento contra a discussão de gênero e diversidade sexual nas escolas. "O ESP adere à campanha de Bolsonaro e, com isso, ganha muita força", conta Penna. Logo foi determinada a retirada do material de combate à homofobia das escolas públicas.

É o próprio Miguel Nagib que conta que, em 2014, recebeu um telefonema do deputado estadual Flávio Bolsonaro (PSC-RJ). Durante a conversa, o deputado pediu a Nagib que criasse um projeto de lei baseado em seu movimento político pedagógico. O procurador, então, redigiu o anteprojeto que hoje circula pelo país.

Fernando Penna revela um dado intrigante sobre Nagib: foi colaborador do Instituto Millenium (Imil). A organização produz e difunde conteúdo intelectual como estratégia para influenciar transformações sociais, políticas ou científicas que correspondam aos seus interesses econômicos. Integram o Imil simpatizantes de uma proposta neoliberal de governo. É apoiado e mantido por instituições como Confederação Nacional dos Jovens Empresários e colaboradores como João Roberto Marinho, entre outros. Seus valores e princípios incluem, segundo o site oficial, o incentivo à economia de mercado e o direito à propriedade.

NEUTRALIDADE TAMBÉM É POSICIONAMENTO POLÍTICO

Para o professor de português e militante das Brigadas Populares, Lucas Oliveira, viver sem se posicionar é uma mentira que a ciência da análise do discurso já derrubou: "Toda linguagem é política (...). A literatura, como qualquer linguagem, sempre está dando conta de política".

Seria impossível, portanto, ensinar qualquer conteúdo sem que os alunos percebessem os processos políticos por trás da História do mundo. Segundo Oliveira, mesmo quando alguém opta pela neutralidade, escolhe uma posição política.

UM PROJETO QUE FERE A CONSTITUIÇÃO

As medidas propostas pelo Escola Sem Partido foram consideradas inconstitucionais pela Advocacia-Geral da União (AGU). Segundo o artigo 206 da Constituição Federal, é prevista a "liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber".

Em nota apresentada pela AGU, o MEC afirma que "o cerceamento do exercício docente fere a Constituição brasileira ao restringir o papel do professor, estabelecer a censura de determinados conteúdos e materiais didáticos, além de proibir o livre debate no ambiente escolar".

TRABALHO

BELAS, GUERREIRAS E DOMÉSTICAS

A vida e os direitos das empregadas brasileiras

Arte: Larissa Brandão

O Brasil é o país com mais empregadas domésticas no mundo. Apesar do grande número de trabalhadoras na área, somente no ano passado muitos direitos trabalhistas foram conquistados por elas.

Por Mylena Melo

Aos 12 anos, **Ilma Medeiros** ajudava a limpar casas e passava roupas. Depois foi babá, cozinheira, e atualmente é empregada doméstica. Aos 18 anos, sua carteira de trabalho foi assinada pela primeira vez. Hoje, com 48 anos, tem 6 filhos, 3 netos e 36 anos como doméstica. Moradora de São Francisco de Itabapoana (RJ), ela conta que em algumas casas foi testada: as patroas deixavam dinheiro e colares à vista para saber se ela iria roubar. Hoje trabalha como diarista em 5 casas diferentes. Ela diz que gosta do trabalho, mas conta que já se decepcionou. "Teve um lugar em que ela (a patroa) sumiu com a minha primeira carteira de trabalho. Hoje, se eu for me aposentar, isso vai me dar problema", conta.

Preta Rara, que atualmente canta rap e é professora de história, já trabalhou como doméstica e também tem memórias marcantes: "Quando eu trabalhava em São Vicente (SP), um senhor pediu pra eu comprar um leite e eu comprei o que custava menos, como estava acostumada. Aí ele disse: 'Se na tua favela tu toma isso, leva essa merda pra lá. Eu não vou tomar esse leite de pobre'. Eu fiquei com muita raiva. Peguei minhas coisas, fui embora e nunca mais voltei. Nem pra pegar meu pagamento do mês".

DIREITOS DESRESPEITADOS

No Brasil, quase 6 milhões de mulheres são domésticas. No ano passado, a Lei Complementar nº 150 garantiu férias, oito horas de trabalho, licença maternidade, seguro desemprego e FGTS. Mesmo assim, a maioria não consegue aproveitar todos os seus direitos. Em alguns casos, por falta de informação, e em outros, para buscar um melhor salário no fim do mês, 70% das domésticas não têm suas carteiras de trabalho assinadas. Se pegarmos os salários de todas as domésticas e dividirmos pelo número de trabalhadoras, veremos que a média de salário delas ainda é menor que o salário mínimo (R$880,00).

"A relação de propriedade sobre o trabalho doméstico ainda existe, bem parecido com o que existia nos séculos 18 e 19, no período da escravidão. As patroas ainda acham que as trabalhadoras domésticas são propriedades delas, e acabam anulando seus direitos trabalhistas. Diversas trabalhadoras domésticas acabam suportando diversas humilhações", diz Preta Rara.

Outro drama enfrentado por essas mulheres é o fato de trabalharem várias horas fora de casa e, por isso, precisam deixar seus filhos com amigos e vizinhos. A assistente social Isabela Costa diz que "essa sobrecarga de trabalho e a negação de direitos têm impactos negativos na vida dessas famílias. A falta de momentos de lazer e de convivência familiar é um deles."

Mas esta é a geração de mulheres que está criando filhos e filhas para outras profissões. Uma das filhas de Ilma Medeiros tem um salão de beleza, e um filho está se formando em enfermagem. "Você quer dar o melhor pros seus filhos. Eu dei uma vida boa para os meus, coisa que minha mãe não conseguiu dar pra gente", conclui.

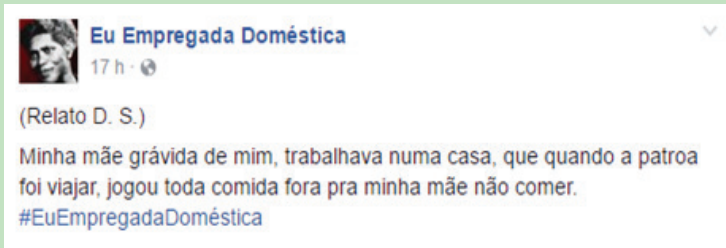
Veja quais são os direitos conquistados pelas domésticas:

- **Férias anuais** (remuneradas);
- Registro em **carteira de trabalho**;
- **Repouso semanal** (domingos e feriados devem ser remunerados em dobro quando trabalhados);
- **Licença-maternidade**;
- **Seguro desemprego** em caso de demissão sem justa causa;
- **Vale-transporte**;
- **Vale-alimentação**;
- **Previdência Social** e **FGTS**;
- **Seguro saúde**.

Se você não está tendo acesso a esses direitos, procure o sindicato mais próximo de você!

Sindicato das Empregadas Domésticas do Estado do Rio de Janeiro
Nova Iguaçu: 2668-3077 / **Rio Comprido:** 2273-2699 - 2293-7270 / **Niterói**: 2613-2879

"Eu empregada doméstica"



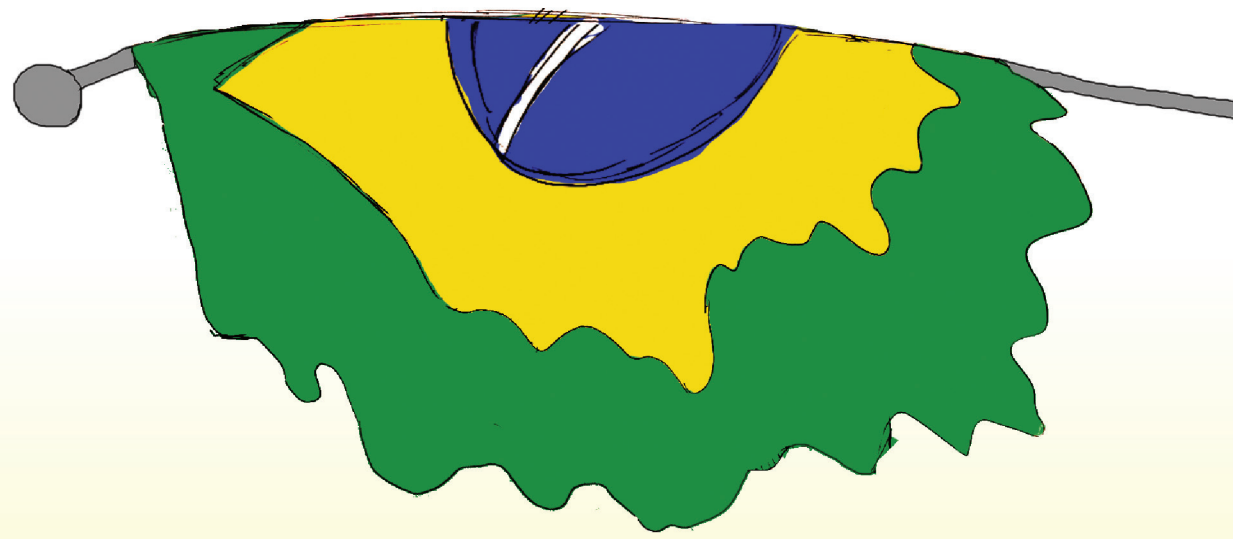
No mês passado, a professora Preta Rara (Joyce Fernandes) iniciou um projeto, no facebook, para compartilhar relatos de empregadas domésticas, chamado **Eu empregada doméstica**. "Eu fiz meu primeiro relato, que foi do meu último serviço, em 2009. Eu fui contratada como cozinheira e a patroa disse que eu não podia me alimentar da comida que eu fazia pra ela, e tinha que levar talheres, copo e marmita. Postei esse primeiro relato, e foi muito divulgado", explica.

Ela começou a receber várias histórias, e assim nasceu a página no Facebook (fb.com/euempregadadomestica). Em menos de um dia, mais de 40 mil pessoas já haviam curtido. Hoje já são muitos relatos compartilhados, dando espaço para as vidas e histórias dessas empregadas domésticas.

DIREITO DOS TRABALHADORES

AMEAÇAS DO GOVERNO TEMER

Seus direitos estão em risco Fique esperto!



Michel Temer, presidente recém-empossado, vem decretando diversas medidas que colocam em risco nossos direitos. Essas medidas são ilegais e imorais porque contrariam a Constituição e ameaçam o que já foi conquistado. Em resumo, vivemos um retrocesso e essas propostas não foram escolhidas pela população nas eleições.

***Listamos aqui** algumas medidas preocupantes do atual governo.*

Por Aneci Palheta, Carlos D, Clara Sthel

MENOS MINISTÉRIOS

Foram extintas três secretarias e cinco ministérios que cuidavam dos mais necessitados e eram voltados para o desenvolvimento do país: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; Ministério das Comunicações; Secretaria de Portos; e Controladoria-Geral da União.

MENOS EDUCAÇÃO

Corte dos programas Pronatec, ProUni, FIES e Ciência sem Fronteiras.

Corte de 20% das bolsas de iniciação científica, por causa dos cortes de investimentos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Corte de até 45% no investimento das universidades federais para 2017.

Suspensão do programa nacional de combate ao analfabetismo.

MENOS MORADIA

Em 17 de maio, foi cancelada a lei que autorizava a Caixa Econômica Federal a contratar a construção de até 11.250 casas pelo "Minha Casa, Minha Vida". Com isso, também foi suspensa a meta de construção de 2 milhões de moradias em 2 anos.

MENOS INVESTIMENTOS

A CCJ - Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania - aprovou a PEC 241, que limita os gastos do governo por 20 anos. Na prática, significa que o governo não pode investir mais em saúde, educação, segurança, moradia, etc, além do que já gasta hoje.

MENOS SAÚDE

O Ministro da Saúde nomeado por Temer já anunciou que tem a intenção de acabar com o SUS (Sistema Único de Saúde). Ele pretende implantar os chamados "planos de saúde populares", que serão pagos e limitados, acabando assim com o acesso gratuito à saúde. A proposta desses planos apenas beneficia os empresários da área da saúde e não atende às necessidades da população.

MENOS CULTURA

Cerca de 36% dos cargos do Ministério da Cultura foram extintos e os funcionários demitidos.

MENOS AGRICULTURA FAMILIAR

Retirada de 160 milhões de reais dos recursos do Programa de Aquisição de Alimentos. O programa adquiria alimentos dos pequenos agricultores para escolas, creches, assistência social, etc. Cerca de 40 mil agricultores e 20 mil cooperativas serão afetados.

MENOS DIREITOS HUMANOS

Suspensão de todas as ações voltadas aos direitos humanos do Ministério da Justiça e Cidadania, mantendo apenas ações da área policial. Suspensão das negociações com a União Europeia para receber recursos e refugiados sírios.

ENTREGA DO PRÉ-SAL

Também foi aprovada a proposta de retirar a participação obrigatória da Petrobrás da exploração do Pré-Sal. A proposta praticamente entrega o petróleo a empresas estrangeiras, deixando de gerar grandes lucros que seriam usados para a saúde e a educação.

MENOS ESPORTES

Cancelamento do edital que destinaria 150 milhões de reais em investimentos em modalidades olímpicas. A proposta era que essas continuassem a ser desenvolvidas após os jogos olímpicos.

Menos direitos para o trabalhador

Haverá, ainda, cortes em benefícios como auxílio doença e aposentadoria por invalidez. A meta é cortar cerca de 30% dos auxílios-doença e 5% das aposentadorias por invalidez. Ao todo, serão cerca de 450 mil segurados que terão seus benefícios suspensos.

A Reforma da Previdência prevê uma idade fixa para aposentadoria para todos os trabalhadores. Independente de ser homem ou mulher, o trabalhador só poderá se aposentar aos 65 anos. Não será mais contado pelos anos trabalhados e sim pela idade.

A palavra do momento é FLEXIBILIZAÇÃO, que nada mais é do que uma retirada de direitos dos trabalhadores. Um projeto que retira diversos direitos do trabalhador que são garantidos por lei, como: fim da multa de 10% para demissões sem justa causa; fim da obrigatoriedade do pagamento de férias e 13º salário; possibilidade de redução de salários; priorização das negociações coletivas sobre a CLT e aumento da jornada de trabalho.

Maior restrição a reajustes e aumentos salariais para servidores públicos, caso o Projeto de Lei Suplementar 389/2015 seja aprovado.

SAÚDE

HISTÓRIAS INVISÍVEIS

A situação da mulher no sistema penitenciário

Um enorme abismo separa a população carcerária feminina das políticas públicas criadas para promover sua saúde

Por Inessa Lopes e Rosana Corrêa

As mulheres são maioria nas filas de visitas dos presídios. Enfrentam horas de espera para levar carinho, roupas, alimentos, artigos de higiene e outros produtos para seus/suas parentes. Submetem-se ao constrangimento das revistas e outros procedimentos de segurança, mas não abandonam seus maridos/mulheres e filhos/filhas. Mulheres são maioria absoluta entre os visitantes nos presídios masculino e feminino. Mas, e as mulheres que estão do lado de dentro dos muros? Quem são? O que sofrem?

Presidiárias buscam visibilidade

As mulheres encarceradas são quase invisíveis aos olhos da sociedade. Presas, em sua maioria, por tráfico de drogas, elas representavam, em 2014, 7% do total de presos da cidade do Rio de Janeiro.

A população carcerária feminina pode ser definida como uma massa quase uniforme, com a maior parte sendo jovem, negra e com baixa escolaridade.

Abandonadas por seus parceiros, quase não recebem visitas íntimas.

Segundo a enfermeira Márcia Vieira dos Santos, 50 anos, das 40 presas que entrevistou, apenas três recebiam. A pesquisa serviu como base para a dissertação *Saúde em uma Penitenciária no estado do Rio de Janeiro: A Visão das Mulheres Encarceradas*. Márcia trabalha há 18 anos no Hospital Penal Psiquiátrico, no Complexo Penitenciário de Gericinó, presídio misto em Bangu, Rio de Janeiro.

Carência em tudo: saúde sexual, planejamento familiar, anticoncepção, controle do câncer.

A partir de sua pesquisa e de sua experiência, afirma: "Os cuidados com a higiene, as práticas religiosas e as relações familiares e homoafetivas servem de suporte emocional para que as presidiárias tentem cultivar sua saúde física e mental".

DRAMAS FEMININOS POR TRÁS DOS MUROS

A população carcerária feminina vem aumentando no Brasil. Segundo o Departamento Penitenciário Nacional (Depen), o número de mulheres presas avançou 246% entre 2000 e 2012. Entre os homens, o crescimento foi de 130% no mesmo período. Com esse aumento, é preciso adaptar o espaço às necessidades do gênero feminino. Mas, infelizmente, isso não acontece. A cadeia é feita por homens e para homens.

No que diz respeito à saúde da mulher, a situação se complica ainda mais. Os ambulatórios médico e odontológico servem apenas para atendimentos gerais. Existe uma carência na estrutura e no atendimento, mais precisamente, na saúde sexual, planejamento familiar, anticoncepção, controle do câncer de colo de útero e de mama.

A gravidez é um momento da vida e da saúde feminina que merece atenção especial. No município do Rio, as gestantes privadas de liberdade são encaminhadas para a penitenciária Talavera Bruce.

A DISTÂNCIA ENTRE A LEI E A REALIDADE

Pela lei, essas mulheres têm direito a acompanhamento pré-natal e realização do parto numa maternidade pública. Após o parto, mãe e bebê vão para a Unidade Materno Infantil (UMI). Podem ficar juntos por seis meses. Mais que isso, só por determinação judicial.

A permanência do bebê com a mãe privada de liberdade é uma questão delicada. Por um lado, o bebê tem direito a ficar com ela. Por outro, a criança não pode ficar presa junto com a mãe. O fato é que uma separação como essa sempre é dolorosa para todos. Geralmente, as crianças ficam sob os cuidados da família ou vão para um abrigo.

São muitas as leis de proteção da saúde e tratamento das mulheres do sistema penitenciário. Algumas delas são o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penal (PNSSP), de 2003; a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), de 2004; e a Política Nacional de Atenção às Mulheres em Situação de Privação de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional (PNAMPE), de 2014.

Ou seja, as políticas públicas de saúde para as mulheres encarceradas são amplas. A preocupação é até que ponto elas são postas em prática.

CONHECER PARA CONSTRUIR

Segundo a enfermeira Márcia, não basta ter a garantia da lei no papel. "Algumas coisas já acontecem, mas pode melhorar. É preciso conhecer a população com quem estamos lidando e, junto com ela, construir a implementação dessas políticas", conclui.

A Coordenação de Saúde da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP) demonstra motivação na implementação das políticas relativas à saúde da mulher encarcerada. "Me sinto na obrigação de dar visibilidade à população carcerária feminina. Realizar ações que incluam a melhoria do atendimento no pré natal, parto e pós parto, a prevenção de doenças e o atendimento à saúde da mulher idosa. Enfim, buscar o cumprimento das leis direcionadas às mulheres privadas do direito de ir e vir", afirma uma das coordenadoras.

Enfermeira Márcia Vieira

LEGADO DOS MEGAEVENTOS

MORADIA

Turismo provoca remoções indiretas no Vidigal

Construção de novos hotéis e alto custo de vida expulsam população mais pobre da favela

Por Gabriela Maia e Jaqueline Suarez

Localizado entre São Conrado e Leblon, o morro do Vidigal é rota turística no Rio de Janeiro. A vista privilegiada do alto do morro e o acesso às trilhas sempre atrairam turistas. Porém, a partir da implantação da Unidade de Polícia Pacificadora, em 2012, o fluxo de visitantes disparou. O Morro do Vidigal ganhou status de favela "cult", classificado como uma rota alternativa de turismo na Cidade. O Arvrão, ponto mais alto da favela, abriga hotéis e restaurantes com vista para as praias da Zona Sul e a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Na subida do morro, às margens da Avenida Niemeyer, um grande número de kombis e motos levam os passageiros até o Arvrão. O transporte local divide espaço com táxis e veículos particulares.

PELAS RUAS DO VIDIGAL

As ladeiras estreitas do Vidigal têm trânsito intenso e até engarrafamentos. Na medida em que se sobe o morro, a diversidade social e cultural aumenta. Olhos e cabelos claros, com os mais variados sotaques chamam atenção.

Nas ruas do Vidigal há placas em idiomas estrangeiros, lojas de objetos personalizados e bares sofisticados. Para atrair os turistas, os hotéis oferecem o favela experience, descrito nos sites como "uma experiência única da vida em favela". O programa de visitação vende o cotidiano do morador como uma curiosidade.

Para atender a grande demanda de turistas muitas obras são realizadas na favela. São construções e ampliações de hotéis, restaurantes e casas luxuosas, que transformam cada vez mais o espaço do morador. Nos pontos mais altos do morro, as casas simples com tijolos expostos foram substituídas por estas construções. O que se vê no Vidigal é a substituição do morador da favela por pessoas com maior poder aquisitivo, capazes de pagar altos preços pelo espaço.

Os altos preços cobrados no Vidigal fazem com que muitos moradores precisem deixar a favela. O aluguel de uma quitinete custa, em média, 700 reais. Moradora do morro, desde criança, Bárbara Cristina é professora de português em uma escola municipal no Vidigal. Ela aponta como o turismo afeta a vida dos moradores.

"O aumento dos preços dos produtos, o trânsito de pessoas aumentou muito. Os prestadores de serviços preferem carregar os estrangeiros e turistas de classe média, porque cobram mais caro. Não tem transporte para o morador", diz Bárbara.

Mirante do Arvrão é ponto preferido dos turistas, no Vidigal

Festa só para turistas

O Morro do Vidigal também é conhecido pelas suas festas. Muitos cariocas e turistas de classe média alta pagam caro para frequentar esses locais. Julia Spanos é argentina e mora no hostel em que trabalha, no alto do Vidigal. Assim como a maior parte dos turistas, Julia foi atraída pela diversidade cultural do lugar. Ela diz que não vê impactos negativos do turismo no morro, mas admite que as festas realizadas são apenas para os visitantes.

"As festas acontecem todo final de semana. Aqui fica bem cheio. Vem muita gente de fora e muitos estrangeiros, mas não vem morador nenhum, porque as festas são muito caras. Você paga pelo menos 100 reais para entrar e uma lata de cerveja custa 10 reais", conta Julia.

Mas se as festas caras organizadas pelos hotéis e restaurantes são permitidas, os bailes funk e as rodas de samba estão proibidos. Os eventos aconteciam na quadra da favela, mas depois da instalação da UPP não puderam mais ser realizados. Paulo Cypa é professor de educação física e trabalha na Vila Olímpica do Vidigal. Ele explica como essa perda de espaço afeta a vida dos moradores:

"A gente não pode ter um movimento nosso. Se a gente faz um samba, meia-noite a UPP pede que a gente pare. Mas em contrapartida, nas festas badaladas aqui em cima, os caras tocam música eletrônica até às nove da manhã, e não existe nenhum tipo de repressão. São dois pesos e duas medidas", revela Cypa.

Estrangeiros ocupam o Vidigal

Para quem vem de fora, a presença dos turistas contribui para o desenvolvimento do Vidigal. Eles acreditam que os gastos com hotéis, transporte e alimentação ajudam a movimentar a economia da favela e a gerar empregos. Essa é a opinião do turista holandês Wessel Groot.

"Eu acho que é parcialmente bom, porque algumas pessoas usam o sistema de transporte daqui. Eu faço compras aqui, frequento a academia daqui também. Então eu faço coisas que contribuem para a comunidade", diz o turista.

Ainda que se vejam crianças brincando pelas vielas do morro, o espaço para o próprio morador está sumindo com as remoções indiretas. A exploração do turismo está transformando o Vidigal em uma favela-empresa. Os moradores têm apenas o papel de prestadores de serviço. Os pontos mais altos passam a ser ocupados pelos hotéis em busca de belas paisagens. O alto custo de vida expulsa do morro aqueles que não podem pagar. A política do turismo passa a vigorar sobre os direitos do morador. Dá-se a esse processo de substituição imobiliária, de pessoas e padrões culturais o nome de gentrificação, termo derivado do inglês *gentrification*.

LEGADO DOS MEGAEVENTOS

SONHO OLÍMPICO

Apesar das promessas, Rio 2016 beneficiou pouca gente

Qual foi o legado dos Jogos Olímpicos para os trabalhadores do Rio? O que ficou de herança para a população pobre das comunidades?

Por Wellington Nascimento

O anúncio do Rio de Janeiro como sede dos jogos olímpicos despertou, desde o início, amor e ódio na população carioca. Uns, de maneira mágica, acreditavam no destaque que o Rio passaria a ter em relação ao mundo. Outros, mais irritados, pensavam que esse evento, juntamente com outros megaeventos que aconteceram, mudariam toda dinâmica do estado. E que os pobres seriam prejudicados. Começou-se a falar em legado. Nunca se ouviu tanto falar em legado... Mas o que é legado?

Legado é uma herança deixada para benefício de outra pessoa, ou outras pessoas. No caso da olimpíada, legado, é toda mudança feita na cidade que, após o evento, continuaria sendo usada pela população.

O chamado legado olímpico serviu como justificativa para muitos abusos cometidos pela prefeitura. Em um vídeo que circula na internet, o próprio prefeito, Eduardo Paes (PMDB), afirma que as olimpíadas eram justificativas para tudo "... e ali então eu me toquei e falei pô esse negócio de olimpíadas é sensacional, posso usar ela como desculpa para tudo, então tudo que tiver que fazer vou falar que é para as olimpíadas. Tem coisas que tem a ver com as olimpíadas, e outras não, mas mesmo assim eu uso..." afirmou o prefeito.

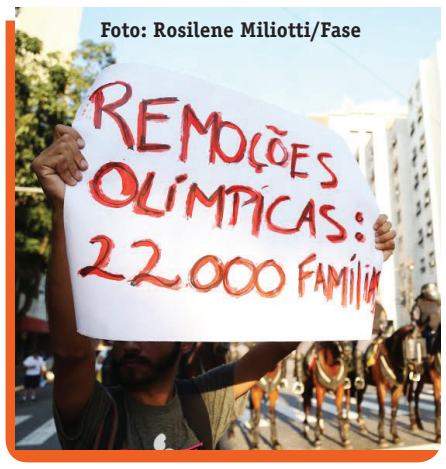


Foto: Rosilene Miliotti/Fase

O fantasma da remoção ameaça as famílias do Rio

Por Eliane Januária

As remoções no Rio de Janeiro não são algo novo. No governo Pereira Passos (1902-1906) foram 20 mil remoções. Mais tarde, no governo Carlos Lacerda (1961-1965) foram 30 mil, sempre com a alegação do desenvolvimento social.

Com o anúncio da Cidade do Rio de Janeiro como sede dos grandes eventos mundiais no dia 2 de outubro de 2009 se intensifica o processo de desapropriação e remoções para várias comunidades do Rio de Janeiro.

O processo já havia se iniciado em 2007 com o Pan-Americano na cidade, quando começa a expansão imobiliária com a valorização dos espaços próximos aos eventos e ao Centro.

Nos anos de 2014, na Copa do Mundo, e 2016, com as Olimpíadas, não acontece diferente. Em 2009 foram listadas 119 favelas que seriam removidas para possibilitar obras necessárias à realização dos eventos. A alegação da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro seria de que essas comunidades estariam em vulnerabilidade social por se encontrarem em zonas de risco. A Prefeitura em nenhum momento deixa claro aos moradores das comunidades expropriadas os laudos que justificam as remoções e não apresenta nenhum projeto social para essas áreas.

Essas comunidades passam a sofrer pressão e ameaças da prefeitura para abandonarem suas casas, e são alocados em locais distantes onde são construídos os edifícios do programa Minha Casa, Minha Vida (Governo Federal) ou Morar Carioca (Prefeitura do Rio) em áreas distantes da cidade e sem poder de escolha. Uma forma clara de segregação espacial.

Entre 1998 e 2008 eram 20 mil pessoas removidas. Hoje, no segundo semestre de 2016, próximo ao fim das olimpíadas que é o último grande evento no país, foram removidas um total de 77 mil pessoas.

No Largo do Campinho, casas e vidas foram removidas

A dor de perder a própria casa é insuportável

Por Antonieta Rodrigues e Gustavo Melo

A história da remoção dos moradores do Largo do Campinho é bem dura. Nas reuniões, não teve nenhuma consulta aos moradores, que não puderam opinar durante todo o processo. Falaram que iriam até as casas cadastrá-las para receber indenização. Na semana seguinte, as casas foram marcadas com a sigla "SMH", da Secretaria Municipal de Habitação. Os moradores não sabiam que as casas marcadas seriam demolidas.

Em um sábado forneceram o transporte aos moradores para uma visita "sem compromisso" a apartamentos em Cosmos. Na visita fizeram um questionário coletando nº do documento e outros dados de quem foi. Na outra semana, chegaram com caminhões de mudança dizendo que todos que participaram da visita eram obrigados a se mudar, pois ao terem ido foi gerado um contrato que para ser desfeito teria um custo. Assim, 60 famílias aceitaram sob desespero deixar suas casas. Ficou para trás toda a estrutura que tinham no bairro.

Reorganizar a vida no novo lugar não foi possível para muitos, que abandonaram o apartamento e foram morar de aluguel. Algumas crianças perderam o ano letivo e houve até casos de pessoas mais idosas que faleceram devido à situação. Quem recebeu indenização ganhou o valor de 35 mil reais, uma quantia muito pequena para os custos do Rio. Teve gente que acabou indo morar na rua.

LEGADO DOS MEGAEVENTOS

RESISTÊNCIA DOS POBRES

Olimpíadas Rio 2016: Jogos da Exclusão

Quem são os vencedores e os perdedores desse jogo?

Por Kellen Aires

Quem são os vencedores e os perdedores desse jogo?

Como em todo megaevento esportivo, os donos da casa sempre pagam a conta. Nas Olimpíadas Rio 2016 não seria diferente. De longe já podemos contar alguns prejuízos com os impactos sociais e ambientais, resultados dessa grande festa.

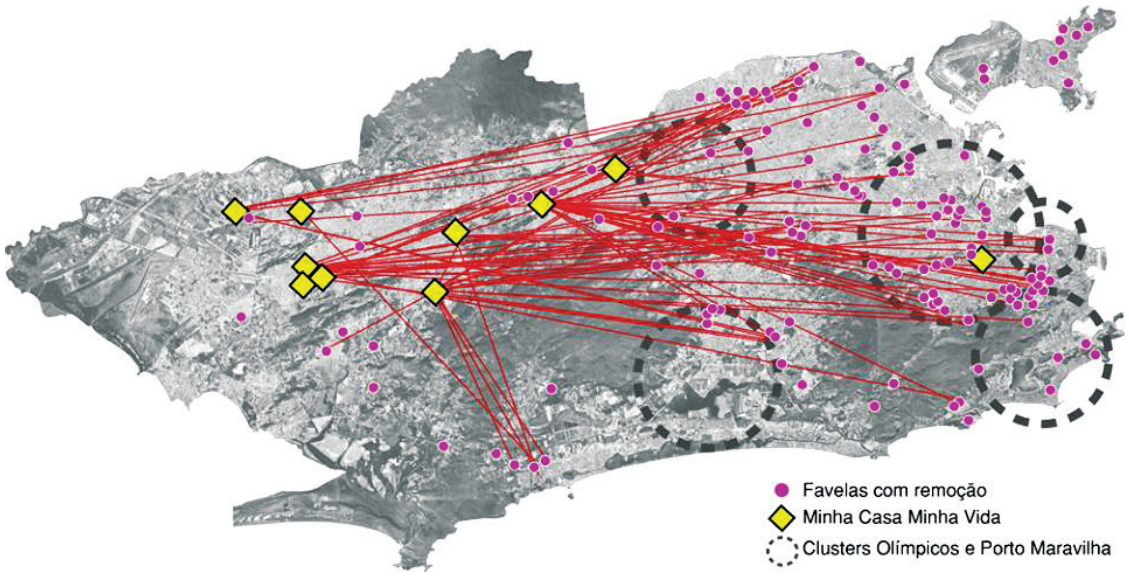
Diante de tanta exclusão, de ausência de direitos e de transparência, os movimentos de resistência responderam à altura e organizaram as "Jornadas de Lutas contra a Rio 2016, Jogos da Exclusão". O Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro reuniu mais de 100 organizações.

HISTÓRICO DA RESISTÊNCIA

A resistência dos moradores da cidade aos abusos que já eram previstos começou em 2007 com os Jogos Pan-Americanos. Na ocasião, já se constatavam abusos, ilegalidades, exploração econômica, falta de transparência e de diálogo com a sociedade, além das manobras jurídicas e desrespeito à legislação. A justificativa era sempre os prazos e a importância das obras.

A Jornada de Lutas ocorreu de 1º a 5 de agosto, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Largo de São Francisco.

"As atividades reuniram atingidos pelos megaeventos, além de estudantes, pesquisadores, comunicadores e lutadores sociais. Reunimos pessoas que já estão na luta há muitos anos e também aqueles que entenderam os problemas desse momento. Serviu para nos fortalecer para os períodos que se seguem", explica a cientista ambiental e membro do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, Mayara Jaeger.



No dia 5 de agosto de 2016, data da abertura dos Jogos da Exclusão, a Jornada de Lutas realizou um ato na Praça Saens Peña, na Tijuca, para chamar a atenção da imprensa nacional e internacional sobre as graves violações de direitos que ocorrem durante a realização de eventos como esse. E para mostrar que quem paga a conta de verdade são as populações locais e não aqueles que têm privilégios econômicos.

"Foi importante voltar ao local onde sofremos duras repressões desde antes da Copa do Mundo. Apesar da presença ostensiva da polícia militar e da repressão em alguns pontos, caminhamos da praça Saens Peña até a praça Afonso Pena.", conclui Mayara.

O comitê produziu e distribuiu jornais, adesivos e catálogos escrito "Rio 2016, Jogos da Exclusão" com desenhos de arames por cima dos arcos olímpicos, que simbolizam a exclusão da parte pobre da sociedade.

Eles lutaram o quanto puderam

Vila Autódromo: resistência dos moradores foi exemplo de coragem

A comunidade que mais teve visibilidade quanto às remoções foi a Vila Autódromo por se localizar bem ao lado do Parque Olímpico.

Por Eliane Januária

A Vila Autódromo surge na década de 60 na Barra da Tijuca, como uma pequena comunidade de pescadores quando a Zona Oeste era bem deserta. Nos anos 90 o governo César Maia começa a expansão imobiliária em Jacarepaguá e a Vila Autódromo passa a sofrer as ameaças de expulsão.

Em 1994, o então governador do Estado, Leonel Brizola, concede aos moradores o uso da área por 99 anos. Anos mais tarde, em 2005, a Câmara de Vereadores aprovou a lei complementar 74/2005, que transformou a comunidade em Área Especial de Interesse Social.

Em 2013, com as constantes ameaças de remoção para a construção do Parque Olímpico, a comunidade da Vila Autódromo junto com a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) elaboraram o Plano Popular de Urbanização como alternativa para a remoção.

PLANO FOI IGNORADO

O projeto, no entanto, não foi levado em consideração pela Prefeitura do Rio. Sua intenção era retirar a comunidade daquele local. O Plano Popular desenvolvido pelos moradores teria um orçamento de R$ 13,5 milhões, enquanto as indenizações aos desapropriados teve um custo de R$ 208 milhões, valor 16 vezes maior.

Em um vídeo gravado pela própria comunidade, o prefeito afirma que os apartamentos doados teriam valor de mercado de R$ 285 mil (dois quartos) a R$ 400 mil (três quartos) e que os proprietários poderiam fazer o que quisessem com o imóvel, entretanto, a realidade é outra: no lugar de um documento de posse, uma dívida de R$ 77 mil, além de um compromisso de não vender ou repassar o imóvel por dez anos.

O futuro da Vila Autódromo ainda é incerto. No entanto, as 20 famílias que se encontram no local permanecem na luta para manterem suas casas, suas histórias e suas vidas.

LEGADO DOS MEGAEVENTOS

RELATOS DOS QUE NÃO TÊM LUGAR EM UMA CIDADE PARA RICO VER

Pessoas em situação de rua têm seus direitos desrespeitados

No Rio, a prática com relação às pessoas em situação de rua é a mesma da remoção de moradores de baixa renda, que são expulsos de suas casas.

Por Carlos D

Foto: Pablo Pablo

No pátio úmido, cheiros de mofo, urina e água sanitária se misturam no ar.

Everaldo*, de 59 anos, aguarda de pé na fila que se forma no pátio central. São 5 horas da manhã de mais uma noite mal dormida. Pessoas cansadas e maltratadas, trazidas de várias partes da cidade, servem-se do lanche oferecido por funcionários igualmente cansados e impacientes. Segundo o alagoano que vive nas ruas do Rio há dois anos, o café era "tão fraco que dava pra ver o outro lado. O pãozinho duro estava sem manteiga, muitas vezes mofado".

"É tudo para encher o cofre... do bolso deles"

Assim começava o dia no abrigo da Ilha do Governador para onde Everaldo e outros recolhidos das ruas do Rio foram levados, muitas vezes contra a vontade, para serem depositados. Depósito de gente, conforme os relatos de quem já passou pela triste experiência de estar num dos abrigos da prefeitura na zona norte do Rio.

Everaldo faz parte de uma população cuja presença no cenário da Cidade Maravilhosa incomoda. Incomoda tanto ao olhar que é preciso que suma da vista. Essa falsa limpeza se dá por meios oficiais, não raro com o uso de violência.

QUANTO MAIS LONGE, MELHOR

Reprimir e afastar. Essa política não é de hoje. Everaldo compara a solução dada pelos governantes atuais às atrocidades denunciadas em 1963 pelo jornal *Última Hora*.

De acordo com o jornal, durante a gestão do governador Carlos Lacerda e da secretária de Serviço Social Sandra Cavalcanti, grupos de extermínio, formados por policiais armados, capturavam a população de rua para depois afogá-los no Rio da Guarda - afluente do Rio Guandu - por ocasião da visita da Rainha da Inglaterra. O filme *Topografia de um desnudo* (2010), da cineasta e diretora teatral Theresa Aguiar, procura retratar essa tragédia que ficou conhecida como Operação Mata-Mendigo.

Tais relatos só comprovam como é antiga a prática que visa a manter o centro comercial e, principalmente, a "área nobre" da cidade, a Zona Sul carioca, cada vez mais elitizada... e privatizada.

ABRIGOS EM PÉSSIMAS CONDIÇÕES

Ricardo tem 49 anos. É carioca. Ele conta que sofreu os impactos decorrentes da preparação para os megaeventos. Com as Olimpíadas, o cerco à população pobre foi constante, sempre através de forças policiais e sem a presença de assistentes sociais, psicólogos ou agentes de saúde.

Ricardo vê a obrigação de ser recolhido como um ato violento e estranha a forma como ocorre: "Parece que estão ganhando algo com isso. É como se tivessem que bater uma meta de pessoas por noite". A saída muitas vezes é procurar lugares mais escondidos – o que aumenta o perigo de serem agredidos por ladrões. "Me parece também que tem algum preconceito por trás disso. Para maquiar a cidade. Não é só pra levar pro abrigo... É pra sumir da vista mesmo", completa.

Dona Elisabeth, de 67 anos, tem parte do rosto deformado por uma inflamação nos dentes. Enquanto faz seu relato, a voz é serena e triste. Já perdeu a conta de quantas vezes teve seus pertences roubados enquanto dormia na rua. Sobre abrigos? Prefere não falar. Não gosta de lembrar. Reza para não voltar a passar por isso novamente.

"Eles querem tirar a pessoa da rua e ao mesmo tempo não querem"

A fala é unânime: é melhor estar na rua do que num desses abrigos. Abrigos, do modo como estão,com "bandidagem", maus-tratos e sem qualquer projeto de inclusão, não ajudam ninguém. As condições desses depósitos de gente acabam por fazer com que muitos retornem para a rua. "Eles querem tirar a pessoa da rua e ao mesmo tempo não querem", opina Ricardo.

Ismael, carioca de 36 anos, conseguiu um serviço temporário como guardador de automóveis no Parque Olímpico. Ele define: "esta Olimpíada é muito bonita mas não é pra nós. É pra quem pode pagar". Quanto ao legado das obras, frutos de parcerias público-privadas, conclui ironicamente: "é tudo para encher o cofre público... do bolso deles".

* Os depoimentos colhidos para esse texto são de pessoas em situação de rua encontradas no Centro, Glória e Catete em agosto de 2016.

Capas do jornal *Última Hora*

Clamor Nacional Contra a Fúria Nazista na GB

CÂMARA - LACERDA COMANDA O TERROR

Testemunha do Massacre no Rio: "Única Sobrevivente Ficou Louca!"

O Mandante

Última Hora

Polícia de Lacerda Confessa: PELOTÃO EXTERMINOU OS MENDIGOS

O Crime e um Dos Seus Executores

Homem Que Viu Tudo Tem Vida Por um Fio

Última Hora

Hoje é o "Dia D" Para os Vetos — UDN Mandou

MOBILIDADE URBANA

MORADORES DO RIO OPINAM SOBRE METRÔ, ÔNIBUS E BRT

População reclama de mudanças no transporte

Cariocas experimentam novos meios de transporte

Por Jonas Ferreira, Lucas Vieira e Thor Weglinski

Entre outubro de 2015 e março de 2016, a Prefeitura do Rio diminuiu o número de linhas de ônibus que ligavam as Zonas Oeste, Norte e o Centro com a Zona Sul, além de ter alterado o trajeto de muitos desses veículos. Segundo a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR), esses cortes querem tornar o sistema de mobilidade "mais eficiente, descongestionando corredores preferenciais e pontos de parada de ônibus".

As mudanças, no entanto, não foram bem vistas por usuários do transporte público. Moisés Alves, morador de Manguinhos, visita regularmente seus parentes no Cosme Velho e antes só precisava do 497 ou do 498. Agora essas linhas só seguem até Laranjeiras, o que o obriga a usar dois ônibus.

Fabiano Soares, morador de Brás de Pina, afirmou que as mudanças só trouxeram prejuízos. Agora não há mais linhas que passam pelo seu bairro e vão até Ipanema. As que seguem para Zona Sul são poucas. Por isso, os ônibus ficam mais cheios.

Não é só Fabiano que fala da lotação nos veículos. Tiago Menezes, morador da Vila Kosmos, diz que os ônibus para o Centro estão sempre cheios. Ele também reclama do maior número de baldeações. No trajeto entre Urca e Jacarepaguá agora são necessárias três viagens: primeiro para o Centro, depois Zona Oeste e mais uma até o destino final. Além disso, o bilhete único só cobre duas passagens e então sobra mais uma tarifa a ser paga.

Sobre a diminuição e superlotação das linhas, a SMTR afirma que ônibus com trajetos semelhantes foram substituídos pelas vias troncais, integradas e circulares.

Foto: Henrique Freire/ Secom RJ 04/01/2016

Por que o metrô é tão curto?

A Região Metropolitana do Rio é uma das maiores do mundo, com uma população de 12,2 milhões de habitantes, segundo dados de 2015 do site G1. Porém, a extensão de seu metrô é muito pequena. Com a inauguração em 2016 da Linha 4, os cariocas contam agora com três linhas, número muito menor do que São Paulo, com 6, Paris, com 16, e Nova York com 24.

Mas por que o metrô do Rio de Janeiro é tão curto? Segundo Zé Abrahão, do Movimento Passe Livre (MPL), a expansão desse transporte é pequena pois atende apenas as regiões onde a especulação imobiliária é mais presente. Essas zonas mais ricas recebem mais serviços e obras públicas.

Abrahão citou como exemplo a recém-inaugurada Linha 4, que chega até São Conrado e Barra da Tijuca, bairros com constantes inaugurações de imóveis, enquanto a Linha 2 pouco cresce.

Alcebiades Fonseca, diretor do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro (Senge-RJ), disse que uma das razões para esse pouco crescimento é o controle de uma mesma empresa no gerenciamento. Segundo ele, quando o metrô carioca foi concedido para a iniciativa privada, o contrato estabelecia que, após nove anos de serviço, a companhia seria responsável por todos os seus trechos. Esses nove anos se passaram, e a empresa adquiriu domínio total sobre esse veículo. A falta de outras administradoras impede a expansão da locomoção subterrânea.

O engenheiro também cita a influência dos donos das empresas de ônibus no estado. Quanto menos metrô mais gente precisa andar de transporte rodoviário. Para Alcebiades, há uma concorrência desleal entre a aliança dos empresários do setor contra outros meios de condução politicamente mais fracos.

A Secretaria de Transportes do Estado do Rio de Janeiro não se posicionou quando questionada sobre a extensão do metrô.

BRT: Uma relação de amor e ódio

O BRT (em português Transporte Rápido por Ônibus) foi inaugurado no Rio de Janeiro em 6 de junho de 2012. São ônibus extensos que se locomovem em vias próprias. Eles circulam por grande parte das Zonas Oeste e Norte.

O BRT é famoso por entregar um serviço de locomoção rápido. Porém, é alvo de críticas por sua superlotação e atrasos. Zé Abrahão, do Movimento Passe Livre, afirmou que esse transporte é mais direcionado para áreas de maior valorização imobiliária, como Barra da Tijuca e Recreio.

Nossos comunicadores populares entrevistaram usuários para saber sua opinião sobre o BRT:

NORBERTO DOS SANTOS JUNIOR, sanitarista, 26 anos, Guadalupe

"O lado bom do BRT é que para distâncias antes demoradas como Fundão -Barra ou mesmo Madureira-Barra tu chega bem mais rápido do que antes. Já o ponto negativo é que estreitou algumas vias e percursos curtos de ônibus foram prejudicados."

ZEONE MARTINS FELIX, músico, 28 anos, Cachambi

"Para mim o principal ponto positivo do BRT é a velocidade, as viagens são sempre mais rápidas. Mas como pontos negativos aponto a falta de segurança em algumas estações, obras que não terminam e também o corte de algumas linhas de ônibus tradicionais de certos bairros."

RAIMUNDO DE OLIVEIRA, orientador de trânsito, 53 anos, Queimados

"Eu pego o BRT todos os dias, para mim a rapidez com que se chega ao destino é o ponto forte. A pior coisa é quando há algum imprevisto, principalmente o atraso que costuma acontecer com certa frequência."

PRIVATIZAÇÃO

EDUCAÇÃO PÚBLICA ESTÁ AMEAÇADA

Ataques ao ensino acontecem no Brasil e na América Latina

A baixa qualidade dos serviços estatais é utilizada como justificativa para iniciativas privadas em nosso continente

Por Ana Claudino, Diana Obermuller e Gilda Muñoz

O Brasil sofre novas tentativas de privatização do Sistema Público de Educação. Esse não é um acontecimento isolado. Ocorre em várias áreas relacionadas aos direitos humanos básicos, como saúde e moradia. As ações para privatizar serviços de responsabilidade do Estado beneficiam só os ricos e ignoram os interesses do povo.

O sucateamento do ensino público é utilizado como justificativa para iniciativas privadas. Serviços como manutenção do espaço escolar, coordenação pedagógica e contratação de professores sofrem constantes tentativas de terceirização. Apostilas e programas de formação de professores para escolas públicas são feitos por empresas. No Brasil, cerca de 340 municípios adotam tais programas. Eles não levam em conta as realidades locais pois não têm a participação dos educadores que atuam nos estabelecimentos em que são postos em prática.

A RESISTÊNCIA DO POVO

Na América Latina, a realidade não é muito diferente. Há uma intenção política e econômica de avançar em modelos educativos que privatizem o direito à educação. Os casos mais próximos são os do Chile, Colômbia e Argentina, que enfrentam grandes mudanças nos seus sistemas educacionais. Na maioria das vezes, uma boa parcela da sociedade não aprova tais alterações.

O povo informado tem suas próprias armas de luta e resistência frente aos abusos de quem quer tirar os seus direitos. Professores, pais e, sobretudo, jovens estudantes manifestam-se contra estas orientações pensadas na ideologia capitalista e que, por isso, enxergam a educação como mercadoria. Ou seja: é mais um item que pode dar lucro.

O caso do Chile é de grande importância. A privatização da educação nesse país é muito avançada, o que levou a diversas formas de reação do povo. Greves, manifestações e ocupações são parte do dia a dia das cidades chilenas durante os últimos dez anos. Essa experiência é um modelo para as lutas de estudantes de outros países.

As ações para privatizar serviços de responsabilidade do Estado beneficiam só os ricos e ignoram os interesses do povo.

No Brasil, as ocupações passam a ser uma forma de resistência do movimento estudantil no final de 2015. A primeira escola ocupada foi a Fernão Dias Paes, na capital de São Paulo. O movimento era totalmente autônomo, gerido pelos secundaristas de forma horizontal, cada decisão era tomada em assembleia geral, onde todos tinham voz.

Em pouco tempo mais escolas foram ocupadas no país todo. Alguns estados como Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Ceará juntaram-se ao movimento iniciado em São Paulo.

A privatização de serviços que devem ser garantidos pelo Estado, como a educação, não acontece de forma isolada em cada país. Não é à toa que as iniciativas privadas crescem em vários países latino-americanos. A única forma de resistir e impedir esse retrocesso é a luta unificada em todo o nosso continente.

Vozes 2016.indd 12 05/09/2016 16:12:15

SEGURANÇA PÚBLICA

MAIS DE 85 MIL PROFISSIONAIS FORAM MOBILIZADOS

Forte esquema foi montado para a Rio 2016

Passada a Olimpíada, como fica a segurança dos cariocas?

Por Nice Lira e Thayane Machado

Em outubro de 2009, o Brasil foi eleito o país sede das Olimpíadas de 2016. O esquema de segurança montado pelo Governo Federal para a realização dos jogos chamou a atenção. Segundo Andrei Rodrigues, que comanda a Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos do Ministério da Justiça, foram investidos 350 milhões de reais em segurança para o estado do Rio de Janeiro.

O esquema montado superou a Olimpíada de Pequim, na China, em 2008. No Brasil foram enviados para as ruas mais de 85 mil profissionais, entre eles 38 mil das forças armadas e 47 mil da segurança pública. Diante da suposta ameaça terrorista, o Comitê Olímpico não poupou gastos, surpreendendo a população e os turistas que transitaram pela cidade.

Utilizar a Força Nacional foi a estratégia usada para evitar o deslocamento dos batalhões da UPP dos locais onde atuam. Um cordão de isolamento foi criado ao redor das favelas da Maré, localizada entre o Galeão e Centro do Rio. Foram registrados assassinatos tanto nessas favelas como no Complexo do Alemão, segundo relatos de moradores em páginas do Facebook.

Foto: Ed Alves - CB-D.A Press

Policiais em treinamento para os Jogos

Foto: Clarise Castro

A segurança no dia a dia

"Sete da manhã muito tiro de meiota, mataram uma criança indo pra escola"

Moradores que não são privilegiados pelo esquema de segurança olímpica sofrem diariamente com confrontos armados entre policiais e traficantes em vários pontos da cidade. Muitas pessoas morrem vítimas de balas perdidas, além de terem suas casas revistadas e reviradas por policiais despreparados.

No último ano foi registrado o aumento de assaltos com armas brancas e latrocínios (roubo seguido de morte). Em junho deste ano, foram registados mais de 80% de roubos a pedestre, comparando com o mesmo mês de 2015.

Neste mesmo período, os homicídios dolosos (com intensão de matar) tiveram aumento de aproximadamente 38%, segundo dados do Instituto de Segurança Pública do Rio.

"Na televisão a verdade não importa. É negro e favelado, então tava de pistola"

Por isso, preguntamos: a segurança existe para quem? Até quando o povo pobre e favelado vai sofrer com a insegurança por causa da sua classe social e seu local de moradia? Como canta Mc Carol, "Sete da manhã muito tiro de meiota, mataram uma criança indo pra escola. Na televisão a verdade não importa. É negro e favelado, então tava de pistola".

Os moradores das favelas e bairros populares também querem viver em segurança. Não basta uma segurança para proteger apenas os turistas.

RECEITA BARATA E SAUDÁVEL

Refeição completa por 5 reais

Saiba como aproveitar todas as partes da abóbora!

Por Mylena Melo

Receita

Descasque a abóbora tirando lascas finas da casca, de mais ou menos 1 dedo de largura. Coloque-as em um tabuleiro com óleo e os temperos que você mais gostar (pimenta, salsa, alho torrado, sal), e leve ao forno até que fiquem crocantes como batatinhas fritas. Crocante, saudável, e uma delícia. É ideal pra fazer as crianças comerem legumes.

Depois de descascar, você terá a abóbora, e aquele miolo com sementes. Separe as sementes, e coloque-as em uma vasilha com água. Você deve tirar todos os fios que ficam nas sementes, lavá-las e fazer o mesmo processo das cascas, para ter sementes assadas, que servem como tira gosto e ficam uma delícia com sopas e saladas. As sementes de abóbora são muito nutritivas, e reduzem o colesterol.

Agora que você já aproveitou as partes normalmente jogadas fora da abóbora, você pode usá-la para fazer uma sopa (que pode ser servida, inclusive, com as sementes assadas e as falsas batatas fritas). Refogue alho e cebola em uma panela com um pouco de óleo, e coloque a abóbora para cozinhar, com água até cobri-la. Coloque sal e outros temperos, e deixe cozinhar até que elas fiquem bem macias. Você pode amassá-las com um garfo, para deixar a sopa mais lisa, ou deixar com pedacinhos mesmo. E se quiser deixá-la mais cremosa, é só colocar um pouco de leite, creme de leite ou requeijão.

Os alimentos que estão em período de safra são mais baratos, mais saborosos e têm mais qualidade.

Veja quais são as frutas, legumes e verduras de Setembro e Outubro:

FRUTAS

- Jabuticaba
- Laranja
- Mamão
- Morango
- Tangerina

LEGUMES

- Abóbora
- Beterraba
- Chuchu
- Inhame
- Mandioca

VERDURAS

- Brócolis
- Couve flor
- Espinafre
- Mostarda
- Rúcula

Vozes 2016.indd 14 05/09/2016 16:12:16

INTERNACIONAL

DE OLHO NO MUNDO: OS OUTROS ATAQUES À DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA

Chile: O primeiro golpe neoliberal

O passado recente do Chile e de outros países ilustra as muitas ameaças aos trabalhadores do continente

Por Gilda Muñoz Cifuentes Alexander Panez Pinto e Victor Orellana Bravo

A história do Chile tem algo a dizer sobre o futuro da América Latina. Certamente isso inclui o Brasil, especialmente no atual contexto golpista que o país atravessa, oportunidade perfeita para o avanço do projeto neoliberal, do mesmo modo que foi feito no Chile décadas atrás.

A Ditadura no Chile começou com o Golpe de Estado no dia 11 de setembro de 1973, pondo fim ao primeiro governo socialista da história eleito por votação popular. Salvador Allende, assim como João Goulart no Brasil, propôs uma série de reformas que melhorassem as condições de vida da classe trabalhadora, tirando privilégios dos ricos. Aquilo não foi aceito pela elite nacional, que fez uma aliança com os Estados Unidos para colocar no poder o ditador Pinochet (1973-1990).

Neste período, assim como nas outras ditaduras latino-americanas, aconteceram horríveis violações aos Direitos Humanos, muitas das quais permanecem até hoje na impunidade: 28.000 pessoas torturadas, mais 3.000 assassinadas das quais 1.200 estão desaparecidas.

	GOLPE CHILE (1973)	GOLPE BRASIL (2016)
Reforma da Previdência	Fim do sistema de previdência social pública e ingresso das administradoras privadas	Reforma da previdência que procura aumentar a idade mínima de aposentadoria e igualar homens e mulheres.
Saúde	Queda dramática do orçamento para a saúde pública e criação das ISAPRES (empresas privadas de saúde)	Queda no orçamento público e proposta de "Plano de Saúde Acessível" que ameaça o Sistema Único de Saúde (SUS)
Educação	Ensino fundamental e médio é privatizado. Na educação superior, decreta-se a lei de autofinanciamento das universidades	Intenções de privatizar a educação superior. Anúncio de corte de 45% dos recursos para o ano de 2017.
Trabalho	Flexibilização das leis trabalhistas. Duras restrições para os sindicatos: fim da negociação coletiva.	Férias, previdência social, 13º salário e licença-maternidade serão flexibilizados. Proposta de regulamentação das terceirizações.
Bens comuns naturais	Começo da privatização da empresa pública de extração de Cobre (CODELCO). Cria-se novo código que privatiza a propriedade da água no país	Apoio ao projeto que acaba com a exigência de que a Petrobrás participe no mínimo em 30% da exploração do Pré-Sal.
Reforma agrária	Política de contrarreforma agrária. Parte das terras entregues aos camponeses foi devolvida aos antigos proprietários latifundiários.	Eliminação do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). Flexibilização da norma que regula a compra de terras por estrangeiros.

O neoliberalismo e o fim da liberdade

O que o Chile tem a ensinar para o Brasil

Mas não é só pelos crimes que devemos lamentar. Na Ditadura foram implementadas profundas reformas neoliberais que desmontaram os sistemas públicos. Educação e saúde viraram mercadorias, a previdência social foi privatizada, inúmeras empresas públicas foram vendidas "a preço de banana". Muitas das riquezas naturais, nacionalizadas no período de Allende, passaram para o controle privado. Inclusive a Constituição atual do Chile foi criada durante este período. Todas essas medidas não foram corrigidas pelos governos posteriores, ao contrário, foram mantidas e aprofundadas.

SAÚDE E EDUCAÇÃO PARA QUEM PODE PAGAR

Até hoje o povo chileno não tem conseguido recuperar aqueles direitos. A saúde e a educação só são boas para quem pode pagar por elas. Os nossos idosos sofrem com suas miseráveis aposentadorias que são administradas por empresas privadas. A água continua a ser completamente privada e os recursos minerais são explorados na sua maioria por empresas estrangeiras.

Por que é importante trazer estes dados à tona? No caso do Brasil, é importante refletir sobre experiências como o golpe no Chile. Embora as políticas neoliberais já viessem sendo implantadas nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), a parceria PMDB-PSDB procura acelerar esse processo.

O país vivencia uma situação de ofensiva neoliberal, na qual os setores conservadores propõem receitas para "salvar" o país da crise. Se revisarmos as medidas do governo Michel Temer (PMDB) para "melhorar o Brasil", podemos ver várias velhas propostas que foram feitas na Ditadura no Chile.

Em tempos difíceis, de perda de conquistas sociais, precisamos conhecer mais sobre o que está acontecendo em outros lugares. Não se trata só do Brasil. Estamos diante de um processo em curso na América Latina e no mundo. Vale a pena ficarmos juntos e atentos.

CULTURA

FAVELA DE ALEGRIA, FAVELA DE CORES

Moradores narram histórias e experiências através da arte

Cena do filme "Contos da Maré" de Douglas Soares

"Ê ê ê ah!
Peço paz para agitar
Eu agora vou falar
o que você quer escutar
Ê ê ê ê!
Se liga que eu quero ver
O endereço dos bailes
eu vou falar pra você"

Por Leonardo Nascimento

Quem já era nascido na década de 90 deve ter reconhecido os versos acima, do famoso funk "Endereço dos bailes". Nele, a dupla Junior e Leonardo cantava sobre bailes que aconteciam no Rio daquela época, anos antes do sucesso de "Baile de favela", do MC João, que fez algo parecido ao cantar sobre os bailes da periferia de São Paulo. É bem provável que muita gente tenha escutado o nome desses e de outros lugares em funks e tenha sentido vontade de fazer o percurso narrado pelos MCs. "A coisa que eu mais me orgulho foi ter feito parte de uma geração do funk que colocou a favela dentro do mapa da cidade, como algo importante e não como algo que deveria ser escondido", comemora MC Leonardo.

No entanto, com as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), muitos bailes foram proibidos, acabando com uma importante fonte de diversão e renda para os moradores. Com essa proibição, perdeu-se também um importante espaço de criação, já que muitas letras surgiam durante as festas.

A internet foi uma ferramenta importante nessa mudança: os sucessos que antes eram apresentados nos bailes precisaram ser transferidos para outros palcos. Foi o que aconteceu recentemente com MC Carol, que causou alvoroço nas redes sociais ao lançar "Delação premiada". Esse funk compara o tratamento dado aos favelados com o de empresários e políticos que cometem crimes. "Na televisão a verdade não importa / É negro favelado, então tava de pistola", diz a letra.

FAVELA DE ALEGRIA

Nascida e criada no Alemão, a artista plástica Mariluce Mariá defende que a arte pode ser uma forma de mostrar para o mundo uma favela diferente da que costuma aparecer em jornais e na TV. Com a construção do teleférico, ela teve a ideia de começar a pintar telas que servissem como *souvenir*, as famosas lembranci-

> **"Com a nossa arte, queremos mostrar que a favela também tem alegria e cores"**

nhas compradas por turistas como recordação da viagem. Foi a primeira vez que ela pintou um quadro, com as casas da favela coloridas e a imagem do teleférico ao fundo. Hoje, sua arte está em muros e suas telas estão espalhadas pelo mundo.

"A mídia muitas vezes fala da favela como um local violento e com muitas coisas ruins, mas não mostra seu potencial. Com a nossa arte queremos mostrar que a favela também tem alegria e cores", afirmou.

HISTÓRIAS LOCAIS

Quem também escolheu mostrar a favela por outros ângulos foi o cineasta Douglas Soares. Ele é diretor de "Contos da Maré", curta-metragem realizado em 2013 e disponível na internet. Douglas nasceu no Méier e durante a infância passava parte dos dias com os avós na Maré, enquanto os pais trabalhavam. Foi lá que ele conheceu os contos que narra em seu filme. Nos últimos anos, ele vinha percebendo que as lendas urbanas não estavam sendo passadas para as gerações mais novas e resolveu resgatar essas histórias.

"Em 'Contos da Maré' eu buscava construir um panorama da favela ontem e hoje. As lendas são de conhecimento público, mas o filme é a minha forma de narrar. Eu acho incrível que existam muitos coletivos artísticos nas favelas e periferias. Passei a admirar as iniciativas de artistas engajados como Wagner Novais e Yasmin Thayná, além de grandes articuladores como Cadu Barcellos e Luciano Vidigal. Esses espaços ainda estão em transformação e eu tenho certeza que neles residem artistas sensíveis que podem falar de todas essas mudanças".

Junior, Leonardo, Carol, Mariluce, Douglas, Wagner, Yasmin, Cadu e Luciano: esses são apenas alguns dos artistas criadores de novas narrativas e linguagens. A lista é enorme e precisaria de bem mais espaço para não deixar ninguém de fora. Se a ação do Estado para reprimir a vida cultural nas favelas e periferias tem gerado constantes violações dos Direitos Humanos, essas ações têm sido incapazes de impedir que inúmeras experiências comprovem que esse locais são territórios criativos e muito potentes.

Como cantaram Cidinho e Doca em um verdadeiro hino funkeiro: que todo morador possa ser feliz e andar tranquilamente na favela onde nasceu. E que possa também se orgulhar de criar diferentes formas de narrar seu cotidiano e as histórias do seu local. "Fé em Deus, DJ".

Vozes 2016.indd 16 05/09/2016 16:12:17